

A RELAÇÃO DE TERCEIRO TIPO E A IMPOSSIBILIDADE DO “EU” NO PENSAMENTO DE MAURICE BLANCHOT

Camilla Muniz
Mestranda em Filosofia pela UECE
camilla_muniz08@hotmail.com

Resumo: Blanchot em *A conversa infinita*: a palavra plural se debruça na questão do *Fora* – conceito esse que irá permear toda a sua obra, tanto os ensaios quanto as críticas. Na busca de esclarecer esse conceito, Blanchot depara-se com a questão da alteridade que é a dissipação do eu. Essa experiência é fundamental para o desenvolvimento da teoria blanchotiana que remete-se ao neutro, a escrita como ferramenta de transposição e até mesmo de criação de novas realidades, a realidade da ficção. O centro de minha abordagem para esclarecer essa questão será um passeio pelo o que o autor denominou de relação de terceiro tipo onde essa relação não está ligada ao uno, não remete-se a unidade e nem a unificação. Tal unidade refere-se ao primeiro tipo de relação onde a unidade passa pelo todo, assim como a verdade é o movimento do conjunto, afirmação do conjunto como a única verdade, onde o eu quer transformar o outro em idêntico. O segundo tipo de relação a qual ele fará menção e esclarecerá trata-se de uma relação onde não somente essa unidade é sempre exigida, mas acima de tudo ela é imediatamente obtida, há nesse tipo de relação, diferentemente da relação dialética, uma imbricação a tal ponto onde o eu e o outro unem-se imediatamente, o Eu e o Outro perdem-se um no outro, no entanto nessa relação o Eu deixa de ser soberano e o Outro seria um substituto do Uno. O terceiro tipo trata-se da relação neutra onde ela é um modo de contato em que o Outro está radicalmente fora de meu alcance, na medida em que o Eu se dissolve nessa experiência e o Ele que nessa relação tem lugar não trata-se

de uma terceira pessoa, trata-se do estranho, do desconhecido absoluto. Logo a relação neutra nunca remete-se a uma relação de sujeito a sujeito.

Palavras-chave: Fora. Relação. Experiência. Unidade. Outro.

The relation of third type and the impossibility of the "I" in the thought of Maurice Blanchot.

Abstract: Blanchot in *The Infinite Conversation*: A plural word focuses on the issue of *Fora* - a concept that permeates all of his work, both essays and criticisms. In order to clarify this concept, Blanchot, he is faced with a question of alterity that is a dissipation of the self. This experience is fundamental for the development of the Blanchotian theory that refers to the neutral, a writing as a tool for transposition and even for the creation of new realities, a reality of fiction. The focus of my approach to clarifying this problem is a journey through which the author of a third-type relationship in which the relationship is not linked to one does not refer to a unity or a unification. Such unity refers to the first type of relationship where a unit passes through the whole, just as truth is the movement of the whole, affirmation of the whole as a single truth, where what turns the other into the identical. The second type of relation which will be mentioned and clarified is a relation in which not only unity is always demanded but above all it is obtained, in relation to this type of relation, unlike the dialectical relation, an imbrication To such The point and the other unite him, the self and the other lose themselves in each other, nevertheless in the relation of the I cease to be serious and of the other seriously a substitute of the One. The third type is the neutral relationship where it is a mode of contact in which the Other is radically out of my reach, as the I am dissolving in this experience and the non-time relation is not a Third Person, it is the stranger, it is not absolute. Thus the neutral relation never refers to a relation of subject to subject.

Keywords: Out. Relationship. Experience. Unit. Other.

1. Um esclarecimento sobre o *Fora* em sua relação com a possibilidade e a impossibilidade

Para Maurice Blanchot o *Fora* possui uma ligação íntima com a questão da possibilidade e impossibilidade. Esses conceitos – possibilidade e impossibilidade – são trabalhados pelo autor através do ato de escrever, a questão do que seria o ato de escrever transgressor e criador que se desenha por uma linguagem essencial, posto que é o *essencial* a experiência que liberta o pensamento dos modos de poder e da compreensão apropriadora. Mas o que seria a possibilidade e a impossibilidade no pensamento de Blanchot? Como, segundo ele, podemos através da impossibilidade a possibilidade de nos libertarmos daquilo que nos é cotidiano, convencional, dado do poder implicado na linguagem/escrita imediata? Para poder responder essas questões é necessário esclarecer os conceitos que aqui foram citados.

A noção de impossibilidade é o que possibilita e determina a operação de construção do *fora*. Isso implica dizer que a possibilidade não é a única condição e dimensão de nossa existência. Os acontecimentos que se dão em nossa vida cotidiana, segundo pensa Blanchot, demonstram-nos – embora muitas vezes não percebamos e não nos atentamos

a isso – que vivemos numa dupla relação: uma vez como aquilo que compreendemos, suportamos e dominamos relacionando-o a um sentido existente qualquer; e outra vez com aquilo que subtrai a todo uso e a todo fim, mais ainda, como aquilo que escapa a nosso próprio poder de prová-lo, mas a prova do qual não poderia escapar.

Na existência diária, ler e ouvir supõe que a linguagem, longe de nos dar a plenitude das coisas nas quais vivemos, seja cortada delas, pois se trata de uma linguagem de sinais, cuja natureza não é ser preenchida com aquilo a que ela visa, mas ser esvaziada, nem nos dar o que ela quer que alcancemos, mas torna-lo inútil substituindo-o, e assim afastar de nós as coisas tomando seu lugar e tomar o lugar das coisas não preenchendo-se com elas, mas abstendo-se delas. O valor, a dignidade das palavras do dia a dia é estar o mais perto possível do nada. (BLANCHOT, M. A parte do fogo. 2011.p. 83-84.)

A possibilidade se dá na dimensão onde um acontecimento não se choca a nenhum impedimento categórico, ou seja, não tem um obstáculo. Mas isso não quer dizer que o acontecimento que se dá na dimensão da possibilidade seja efetivamente necessário. Logo, tal acontecimento pode ou não acontecer não sendo necessário, então, a sua efetivação, o seu “existir”. Ou seja, no possível não há o impedimento da lógica, nem da ciência, nem o costume lhe faz objeção. Desse modo o possível para Blanchot seria, então: “... uma moldura vazia, é o que não está em desacordo com o real, ou o que ainda não é real, nem de resto necessário” (Cf. BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 85.)

No entanto, a possibilidade possui também outro sentido, outro sentido onde ela não é somente o que é possível e deve ser olhada como menos que o real, contudo, esse novo sentido de possibilidade é mais do que a realidade: *é ser mais o poder de ser*. Isso quer dizer que a possibilidade é a própria condição de fundamentação da realidade, ela estabelece a realidade fundando-a. Deste modo vemos que o homem não tem somente possibilidades, mas ele é sua própria possibilidade. “Não somos nunca pura e simplesmente, nós somos apenas a partir e em função das possibilidades que somos. É uma de nossas dimensões essenciais”. (Cf. BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 85.) Esse novo sentido de possibilidade, de possível, não é menos que o real, não é aquilo que ainda não se realizou e que poderia vir a acontecer a qualquer momento, ela agora sugere o poder pelo qual a realidade se estabelece.

Notamos então que a palavra possível se esclarece em relação com a palavra de poder, e depois com a palavra potência. Como nos esclarece Blanchot ao se questionar sob que medida a potência é uma alteração, uma definição da possibilidade, ele infere que é pela possibilidade que começa a potência, determina-se a apropriação que se realiza na posse. Nessa perspectiva até a morte é poder já que ela não é um simples fato que vai acontecer, acontecimento objetivo e contestável. Com a morte cessa o meu poder de ser, não poderei mais estar, mas segundo Blanchot desta não possibilidade de permanecer de

estar após a morte ou diante da morte, na medida que ele é algo singular e pertencente somente ao indivíduo particular, ou seja, ela me pertence e somente a mim, visto que ninguém pode morrer a minha morte por mim e em meu lugar. A morte, esse futuro iminente, está em relação ao indivíduo sempre aberta até o seu fim, realiza ainda um poder. De acordo com ele – Blanchot – “morrendo, posso ainda morrer, eis o nosso signo de homem. Eu me aproprio da morte como de um poder, tendo ainda uma relação com ela, eis o ponto extremo de minha determinação solitária” (Cf. BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 85.)

Nesse sentido, nossas relações no mundo e com o mundo são sempre relações de potência, onde a potência está em germe na possibilidade. Isso é observável de forma mais clara pelos traços mais aparentes de nossa linguagem, já que uma vez que falo tenho sempre uma relação de potência. Pertencemos, que saibamos ou não, à uma rede de poderes da qual nos servimos e nessa rede de poderes lutamos contra a potência que se afirma contra nós. “Toda palavra é violência” (Cf. BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 86.) Essa violência se exerce já sobre aquilo que a palavra pode nomear onde nesse ato, nessa ação de nomear retira dela a presença, através dessa linha de raciocínio Blanchot se permite e nos permite ver e pensar que esse ato é sinal que a morte fala – a morte que é poder – quando falamos. A linguagem é a ação pela qual a violência aceita não estar aberta, posto que sabemos que quando se discute não se luta, a violência está escondida na linguagem. A linguagem renuncia o seu esgotamento numa ação que segundo o pensador é brutal para que dessa forma ela possa reservar-se visando um domínio mais potente onde a morte não se afirma, mas ela mesma é o cerne de toda afirmação.

“Assim começa este espantoso futuro do discurso onde a violência secreta, desarando a violência aberta, acaba por torna-se a esperança e a garantia de um mundo liberado da violência (embora constituído por ela). Por isto (eu digo, *en passant*, e essas coisas só podem ser ditas *en passant*) somos tão profundamente ultrajados por este uso da potência que se chama tortura.” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 86)

A tortura é uma técnica da violência que tem como finalidade o fazer falar. Essa violência que se camufla na técnica quer fazer falar, ela deseja uma palavra, mas qual? Blanchot assinala que essa técnica não anseia por esta palavra de violência que através da lógica ela pode esperar obter, mas justamente, ela anseia por uma palavra livre de violência. Tal contradição posta aqui, segundo ele, nos ofende, mas também nos inquieta. Ela estabelece uma igualdade e reestabelece uma relação entre violência e palavra, ela reanima e também é provocadora desta terrível violência que é a intimidade silenciosa de toda palavra falante, recolocando a verdade como fundamento para a nossa linguagem compreendida como diálogo, e desse diálogo compreendido como espaço de potência que ela se exerce sem violência mas lutando contra a potência. Nessa imposição a fala como fundamento primeiro e último dela a verdade faz com que, novamente,

submetamos a palavra, o diálogo, aos ditames da razão, que se encontra na boca de todo mestre de violência. Esse mestre da violência, aquele que submete a razão o diálogo nos permite observar a cumplicidade que a tortura tem por ideal de afirmar entre a razão e ela própria.

1.2. A impossibilidade como forma de escapar da compreensão

A compreensão para Blanchot constitui-se como modo essencial da possibilidade. A subjunção da compreensão na possibilidade permite que o diverso esteja no uno, além de nos assentir identificar o diferente e relacionar o outro com o mesmo, que, segundo ele, o movimento dialético, após um longo caminho, faz coincidir com a superação.

É preciso concordar, é preciso que, aquilo que tem que ser conhecido, o desconhecido, deve render-se ao conhecido. Surge então essa questão aparentemente inocente: não existem relações, quer dizer, uma linguagem que escape a este movimento da potência pela qual o mundo não para de se realizar? Neste caso estas relações e essa linguagem escapariam também à possibilidade.” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 87.)

A questão que aparentemente é inocente nos põe, através dela mesma, a questionar as margens da possibilidade e ela se questiona, justamente, à margem da possibilidade, e ao questionar isso ela se mantém como questão não se dissolvendo no êxtase de uma resposta, posto que ela não trabalha com a possibilidade do que é conhecido, com a dimensão apropriadora, assim, a impossibilidade libera o pensamento da modalidade de compreensão apropriadora, abrindo-o, dessa forma, à afirmação de uma força divergente, onde o impossível é aquilo que não se apresenta sob o modo da possibilidade, do poder, da apropriação e da subjugação.

A compreensão é incapaz de apreender essa dimensão da impossibilidade – como vimos, essa incapacidade se dar precisamente na forma de operar da compreensão já que ela define-se como poder e captura. A impossibilidade não permeia o âmbito de uma questão fácil – se é que há uma questão que possamos realmente dizer que pertence ao âmbito do fácil – ela não é um movimento fácil porque se fosse nos veríamos com esse movimento retirados deste espaço onde exercemos um poder – esse poder que se dá pelo próprio fato de viver e morrer. A impossibilidade não é medida e nem pode ser referida sob a luz da possibilidade na forma de: isso é possível, isso não é possível. O impossível deve ser pensado sob a forma de uma relação onde a presença se transforme em ausência, onde através da experiência essencial – experiência esse onde o momento em que as coisas se realizam e desaparecem coincidem – a presentificação da ausência é o imediato e a impossibilidade é a forma de relação com que se passa imediatamente, precisamente com aquilo que ocorre no tempo da ausência. Nessa perspectiva podemos dizer que o

imediatamente é a presença na qual só podemos estar presentes quando já desaparecemos. O imediato não permite nenhuma mediação, por isso ele só pode se dar sob a forma da impossibilidade.

O pensamento do impossível não está para capitular o pensamento, mas para deixá-lo anunciar-se segundo uma medida outra que se diferencia daquela do poder. Essa mediada seria, nos remetendo a Blanchot, precisamente a media do “*outro, do outro enquanto outro, e não mais ordenado segundo a clareza daquilo que adequa ao mesmo*” (Cf. BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 87.)

A impossibilidade que é inerente a experiência essencial nos remete a uma suspensão do tempo cotidiano, *chronos*. Esse movimento da impossibilidade nos trás um tempo que é a dispersão do presente, onde não há uma referência nem ao passado e nem ao futuro, esse presente é, e somente poder ser, tido como passagem – *en passant* – já que não se fixa a nenhuma presença definitiva. Dessa forma o tempo é desobrado pelo impossível, exteriorizado em sua versão outra. Nesse processo onde o impossível apesar de suspender o tempo ele não nos remete para fora do tempo, mas o presentifica em uma duração de um raio. Presente sem fim e no entanto impossível como presente.

O que aconteceu? O sofrimento simplesmente perdeu o tempo e nos fez perdê-lo. Nesse estado estaríamos livres de toda perspectiva temporal e libertos, salvos, do tempo que passa? De forma alguma: entregues a um outro tempo – o tempo como outro, como ausência e neutralidade – , que precisamente não pode mais nos libertar, não constitui um recurso, tempo sem acontecimento, sem projeto, sem possibilidade, perpetuidade instável, e não este puro instante imóvel, centelha dos místicos, mas nesse tempo parado, incapaz de permanência, não ficando e não permitindo a simplicidade de uma estância. (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 88-89.)

Na impossibilidade o que há é uma subversão do tempo. O tempo muda de sentido, ele não se dá em função do futuro como aquilo que ultrapassa e junta-se ao próprio presente, contudo, esse tempo outro trata-se da dispersão do presente que não passa se fixando num presente nem se referindo a um passado e não vai em direção a um futuro: *o incessante*. Um outro ponto que deve ser levado em conta é que na impossibilidade o imediato é a presença na qual não se pode estar presente, mas também é aquela a qual não se pode afastar-se, ele é aquilo que escapa. Outro ponto relevante sobre a impossibilidade é que ela não é regida pelo recolhimento do imóvel do único, mas a inversão infinita da dispersão, movimento não dialético, onde a contrariedade é estranha à oposição, à conciliação e onde o outro nunca é igual ao mesmo. esse movimento para Blanchot pode, segundo o mesmo, ser chamado de o Segredo do devir, segredo esse que se separa de todo segredo e se dá como desvio da diferença.

Se mantivermos juntos esses dois pontos: o presente que não passa, o demasiado presente cujo acesso é recusado porque é sempre mais próximo do que qualquer aproximação, dessa forma transformando-se em ausência, ficando, dessa forma, o

demasiado presente que não se apresente e que nesse presente-ausência não deixa que nada dele se ausente, portanto é percebido que na experiência da impossibilidade não é apenas o caráter negativo da experiência que a tornaria perigosa, mas o que a torna perigosa é o “excesso de sua afirmação”, isso nos conduziria novamente ao poder – o poder de afirmar – retirando dessa maneira o caráter de não-poder da experiência da impossibilidade. Percebemos que o que emerge da impossibilidade é o radicalmente diferente, contudo, ela não se deixa mais eliminar nem propicia retraimento ou recuo. Nesse movimento que é o da experiência da impossibilidade o seu lado obscuro é justamente o que fica descoberto, aquilo que é sempre descoberto sem precisar ser descoberto e que reduziu sempre à manifestação de todo movimento de esconder ou de se esconder. Nesse movimento onde precisamente todas as coisas presentes e o *eu* que aí está presente são suspensas, mas todas estão presente unicamente porque encontram-se exteriores a si mesmo, presente que é exterioridade mesma da presença. Nessa perspectiva é percebido o ponto no qual tempo e espaço se religariam na disjunção original, segundo Blanchot, a presença é tanto a intimidade da instância, quanto a dispersão do Exterior, mais estritamente, é a intimidade do Exterior, o exterior tornado a intrusão que asfixia e a inversão de um e de outro, aquilo que chamamos, ‘a vertigem do espaçamento’. (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 91.)

Mas todos esses pontos apresentados tendem, em seu ilimitado, a delimitar isso: a impossibilidade é a característica daquilo que chamamos facilmente de experiência, somente há experiência em seu sentido estrito – sentido esse que foi mostrado e esclarecido aqui – é nessa experiência que algo de radicalmente *outro* está em jogo. O imediato quando se põe evoca, trás consigo, o imediatamente outro. A impossibilidade não refere-se a uma experiência de transcendência, ela não refere-se, de forma alguma a um ser transcendente, ela constitui-se como presença imediata ou como presença do Exterior. E a impossibilidade sendo aquilo que escapada de todo negativo e que não cessa de exceder e ultrapassar todo o positivo, onde essa impossibilidade é aquilo em que se está desde sempre engajado por uma experiência mais primordial do que toda iniciativa, onde ela previne todo começo e exclui todo movimento de ação para dele se libertar. Ou seja, o que há aí é uma relação na qual não há controle. De início essa relação será confusamente denominada de paixão por ele, posto que a impossibilidade é a “relação com o Exterior e, visto que esta relação sem relação é a paixão que não se deixa dominar, transformando-se em paciência, a impossibilidade é a própria paixão do Exterior.” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 92.)

Nesse sentido a impossibilidade não seria mais o não poder, somente o possível que é apenas o poder do não. Agora o que sobra a se questionar se seria, então, a impossibilidade o próprio ser, Blanchot responderá que certamente essa impossibilidade seria o próprio ser na medida que reconhecemos na possibilidade o poder soberano de negar o ser, uma vez que segundo ele: “o homem cada vez que ele é, a partir da possibilidade, é o ser sem ser. O combate pela possibilidade é o combate contra o ser.” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 92.)

Contudo, ele observa que a impossibilidade, que não trata-se de uma negação nem de uma afirmação, indica aquilo que sempre procedeu o ser e não se entrega a nenhuma ontologia. Isso equivale a pressentir que é ainda o ser que vela na possibilidade e que nela encontra sua negação para melhor preservar-se dessa outra experiência que sempre o procede e que é sempre mais primordial do que a afirmação que nomeia o ser. Isso nos revela o neutro, o eu dispersado de sua subjetividade.

Segundo o autor, acabamos por ser o joguete dessa atração da relação impossível. O desejo é impossível e agora compreendemos que o desejo é propriamente essa relação com a impossibilidade, que ele é impossibilidade que se faz relação.

Percebemos, então, que o essencial é a experiência que é inteiramente *fora* de nós, ou seja, ela é do âmbito da absoluta alteridade. No pensamento blanchotiano a passagem do *eu* ao *ele* implica nesse contato direto com o desconhecido, a isso denomina-se de uma relação neutra. O neutro é o próprio desconhecido, mas um desconhecido que nunca será revelado, apenas indicado. Essa relação neutra tende a quebrar com o pensamento dominante do que seria uma relação com o outro, para isso recusando as formas de conhecimento que aqui já foram mencionada e esclarecidas, ou seja, há uma recusa da identidade, da unidade, do mesmo e da presença definitiva. A relação com o neutro nos convoca a viver uma relação com o desconhecido diante de si, o que significaria dizer que convivemos com o desconhecido, diante do desconhecido e diante de si como desconhecido. Essa relação neutra consiste em uma relação que está absolutamente fora de mim. O neutro seria como o *outro*, sendo que esse *outro* é visto e entendido como o desconhecido, o exilado, o errante, ou seja, aquele que está deslocado de todo pertencimento e de toda interioridade. O *outro* é aquele que me ultrapassa absolutamente. A relação com o outro é uma relação de dissimetria dupla, uma relação sem relação, já que esse outro é “aquele que não tem comigo uma pátria em comum e não pode, de maneira nenhuma, colocar-se num mesmo conceito, num mesmo conjunto, constituir um todo ou juntar-se ao indivíduo que sou” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 123.)

Quando eu me dirijo ao Outro, respondo àquilo que não me fala de nenhum lugar, separado dele por uma cisão de tal ordem que ele não forma comigo nem uma dualidade nem uma unidade. (...) entre o homem e o homem, há um intervalo que não seria nem do ser e nem do não-ser e que carrega a Diferença da palavra, diferença que precede todo diferente e todo único. (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 123)

A relação neutra não tende para a unidade nem para a unificação. Trata-se de um modo de contato em que o outro está radicalmente fora do meu alcance. Na medida em que o *eu* se dissolve nessa experiência e o *ele* (outro) que aí tem lugar não é uma terceira pessoa, estando diante do estranho, do desconhecido absoluto. Dessa maneira a relação caracterizada como neutra nunca nos remete à uma relação sujeito a sujeito, pois o ele

que nela se expressa marca a intrusão do outro. E quando o *outro* fala, ninguém fala, pois o *ele* narrativo em Blanchot destitui-se de toda objetividade, mas também de toda concepção de subjetividade como interioridade e centro. Entrar em contato com o neutro é abrir-se a uma experiência onde tem voz a subjetividade sem centro, anônima, impessoal e coletiva.

2. Um breve esclarecimento sobre a questão da possibilidade e da impossibilidade

Tenho plena consciência que essa questão sobre a possibilidade e a impossibilidade não seja algo de fácil trato e de compreensão simples, por esse motivo tenho, para com os interessados em Blanchot, a necessidade de tornar essa relação um pouco menos obscura ao entendimento – o meu temor nesse pequeno esclarecimento é de tornar essa relação algo nomeável, coisa que vai de encontro a todo o pensamento de Blanchot, dessa forma vejo a complexidade de esclarecer esse pensamento sem rotulá-lo ou nomeá-lo, fazendo assim, não um transvestimento do pensamento do autor para a luz da razão tomando cuidado para não desvirtuar o seu pensamento, mas sim de apropriar-me desse pensamento.

Tenhamos em mente que as relações entre esses dois termos não encontram-se em uma simples oposição, ou seja, isso equivale a dizer a possibilidade não é uma subtração da impossibilidade, como, por exemplo, temos o dia sobre a noite. Não existe entre elas uma relação mutua, não há uma dependência. Não sendo a impossibilidade contrária a possibilidade e nem a possibilidade contrária a impossibilidade, como é o caso da relação do dia sobre a noite onde a luminosidade do dia encerra a obscuridade da noite fazendo com que aquilo que estava escondido por sua ausência possa revelar-se em sua forma clara. Esse salientar da relação dia-noite, assim como Blanchot faz, nos serve para mostrarmos como essas noções de ‘antagonismo necessário’ que traduzem as tranquilas certezas do bom senso, que por vez esse bom senso coloca o esclarecimento e o obscurecimento em forma de oposição seguramente como a luz e a ausência de luz.

Em uma nota do texto *A grande recusa* de sua autoria, ele levanta a hipótese se um dia tudo pudesse ser compreendido e a liberdade chagasse a se impor e manifestar-se como a realização de nosso poder, sem que com isso essa relação impossibilidade-possibilidade se perca de seu segredo, segundo ele, estaríamos prontos para responder à demanda de sua essência escondida. É nessa medida, nessa relação, que escapa aos homens que querem lutar apenas pelo possível que se transvertem de homens que querem sempre manter-se desdenhosamente à parte. Nessa perspectiva seria necessário que tudo aparecesse para que o sentido da relação com o obscuro se fizesse essencial? Seria necessário a racionalidade, a luz da razão reinar de forma totalizante realizando-se como um todo para que a obscuridade seja acolhida na afirmação que a retém fora do todo? Segundo ele a resposta é um talvez. Talvez. Contudo, isso não

implica dizer que há uma relação de dependência mútua nessa ligação entre possibilidade e impossibilidade que permite sustentar ao mesmo tempo essas duas dimensões.

Não há nessa relação possibilidade-impossibilidade uma fronteira, nem fixa e nem movediça, no entanto ela é sempre determinável segundo a ‘essência’ de uma e de outra. A palavra, seja ela literária, poética, a palavra que se metamorfoseia sob selo da verdade não tem como função trazer à luz a firmeza da palavra nessa relação sem relação entre possibilidade e impossibilidade.

A poesia não está aí para dizer à impossibilidade: ela lhe responde somente, respondendo ela diz. Assim, em nós, é a partilha secreta de toda palavra essencial: nomeando o possível, respondendo ao impossível. Partilha que, entretanto, não deve propiciar uma espécie de distribuição: como se pudéssemos escolher, uma palavra para nomear e uma palavra para responder, como se, enfim entre a possibilidade e a impossibilidade... (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2010, p. 93.)

No entanto, esse responder não consiste em uma resposta no intuito de apaziguar que, segundo o autor, vem obscuramente dessa região, e tal resposta não consiste, também, em transmitir, como algo divino semelhante ao oráculo, alguns conteúdos de verdade que o mundo da luz ainda desconhece, como se fosse revelarmos ao que a luz da razão não nos revelou.

3. A experiência-limite: o homem que deseja não desejar

Blanchot se utilizará de Georges Bataille para que ele possa nos situar no que seria/é a experiência-limite. Anteriormente Bataille denominará tal experiência como sendo ‘*a experiência interior*’ e a afirmação atrai sua busca em seu ponto de maior gravidade. Essa experiência é uma resposta em ralação ao homem, ela encontra o homem quando ele decidiu se por radicalmente em questão. Essa decisão de se por em questão compromete todo o ser exprime a impossibilidade de jamais deter-se em uma consolação ou em qualquer verdade. Essa experiência é o constante movimento de contestação que atravessa toda a história, mas que ora se fecha em sistemas. O homem se categoriza, se rotula, se sistematiza, o homem que acredita tanto em sua existência que põe sua existência em xeque para comprovar sua existência, o homem em seu egoísmo. O homem que ora penetra o mundo e vai ter fim no além do mundo em que o homem se confia a um termo absoluto – Deus, Ser, Bem, Unidade, Eternidade, Universal – onde ele renuncia a si próprio.

Blanchot nessa experiência nos alerta que essa paixão pelo negativo não assemelha-se e deve ser confundida com o ceticismo e nem mesmo com os movimentos da dúvida metódica, posto que, “ela não humilha aquele que a tem, não o submete a impotência, não o julga incapaz de realização.” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa*

infinita. 2007, p. 185). Mas ao contrário, nos propõe pensar o homem plenamente realizado na exigência de ser tudo. No fundo, nesse sentido, o homem já é tudo. Ele é o seu projeto, “ele é toda a verdade a vir nesse universo o qual só se mantém por ele, ele é sob a forma do sábio cujo discurso compreende todas as possibilidades do discurso consumado, ele o é na perspectiva de uma sociedade liberta de suas servidões” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2007, p. 185). Se o homem é tudo e tudo é o homem não seria, agora, o fim da história? A história não se encerraria de certo modo? Esse fim da história não significa que não acontecerá mais nada e nem que o homem não tenha mais que suportar as suas angustias, agonias e sofrimento perante um futuro, contudo o homem como universal já é senhor de todas as categorias do saber, o homem enquanto senhor e detentor de todo o poder, ele pode tudo, ele tem resposta pra tudo. Essa colocação nos parece um tanto quanto precipitada, rápida de mais o que nos permite levantarmos dúvidas sobre esse fim da história ao qual estamos prometidos. Sugere-nos, Blanchot, uma reflexão mais demorada e minuciosa sobre essa questão ao nos colocar à questionar quem em nós duvida? Como resposta ele nos dá o pequeno eu, fraco, insuficiente, infeliz, não sabendo quase nada e encerrado na obstinação de seu ego: para esse pequeno eu, nada há evidentemente senão seu próprio fim, um fim que ele lamenta tanto mais que, em seu egoísmo, esse fim não tem por horizonte o fim de todos os outros. Cf. (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2007, p. 186.)

Essa pequena razão do eu o faz com que ele renuncie, conforme o autor, a uma saída razoável e se lance nos tormentos complacentes da existência absurda, onde esse absurdo é na visão de Blanchot um modo fácil de se entregar ao sentido, de “fazer sentido”.¹ Outra alternativa para esse pequeno eu que teme o seu fim e unicamente o seu fim, a sua razão faz com que ele se prepare para a esperança de uma outra vida que ele reconhecerá em Deus. Com isso ele nos mostra que de uma forma ou de outra a história chegará ao seu fim: para o homem da grande razão porque ele se pensa como todo e trabalha sem descanso para tornar o mundo razoável; para o homem da pequena razão, porque, numa história furiosa e privada de fim, o fim a cada momento é como já se fora dado; já para o homem da crença, porque diante a esperança no além esse além termina a história, gloriosa e eternamente. Nos atentemos que nesse sentido vivemos todos mais ou menos na perspectiva da história terminada, uma história onde sempre temos como horizonte a morte, onde já nos encontramos “sentados à beira do rio, morrendo e renascendo, contentes de um contentamento que é o do universo, logo de Deus pela beatitude e pelo saber” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2007, p. 186).

A paixão pelo pensamento negativo admite e trabalha para a saída que promete ao homem o acabamento de si próprio. Essa ação tão empenhada para esse futuro não é se não nada mais do que a ‘negatividade’ pela qual, negando a natureza e negando-se enquanto ser natural, “o homem em nós se trona livre escravizando-se ao trabalho e se

¹ Seria necessário fazer outro texto para esclarecer o que Blanchot nos diz sobre essa problemática do absurdo, onde muitas vezes ele utiliza-se de Camus, em especial De *O mito de Sísifo*.

produz produzindo o mundo” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2007, p. 186). Mas seria essa negatividade do homem esgotada em sua ação nesse seu autoproduzir que produz o mundo? Conforme Blanchot o homem não esgota a sua negatividade na ação, o homem não transforma em poder todo o nada que ele é; no entanto, ele nos sugere, que o homem talvez possa alcançar o absoluto igualando-se ao todo e fazendo-se a consciência do todo, contudo mais derradeiro do que o absoluto é a paixão pela negatividade, a paixão do pensamento negativo “pois ela ainda é capaz, diante dessa resposta, de introduzir a questão que a suspende, diante da realização do todo, de manter a outra exigência que, sob forma de contestação, dá novo impulso ao infinito” (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2007, p. 187).

O que dá ao homem o direito de si colocar sempre em questão gira em torno de sua pertença à uma falta essencial – entendemos que pertença aqui não significa a apropriação, mas sim um pertencer sem pertença, uma relação que subtrai a se própria, como já foi, de certo modo, esclarecido na questão possibilidade-impossibilidade. Logo, o homem é esse que não esgota sua negatividade na ação, de modo que, não restando mais nada para ser feito pelo homem – onde é nesse fazer que o homem também se faz – se consuma surge a necessidade de existir um estado de ‘negatividade sem emprego’²². O que nos permite afirmar essa negação radical a qual não tem mais nada a negar é a experiência do interior.

Dir-se-ia que o homem dispõe de uma capacidade de morrer que ultrapassa em muito e de certo modo infinitamente o que lhe é necessário para entrar na morte e, desse excesso de morrer, ele soube admiravelmente fazer para si um poder; por meio desse poder, negando a natureza, ele construiu o mundo, pôs-se a trabalhar, tornou-se produtor, autoprodutor. No entanto, coisa estranha, isso não basta: sobra-lhe a todo momento como que uma parte de morrer que não pode investir na atividade; mais frequentemente, ele não sabe, não em tempo; mas se chega a pressentir esse excesso de nada, esse vazio inutilizável, se descobre-se ligado ao movimento que, a cada vez que um homem morre, o faz sofrer infinitamente, se deixa-se tomar pelo infinito do fim, então tem que responder a uma outra exigência, não mais de produzir, mas de despendar, não mais de triunfar, mas de fracassar, não mais de realizar obras e falat utilmente, mas de falar em vão e de tronar-se ocioso, exigência cujo limite está dado na ‘experiência interior’ (BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. 2007, p. 188).

A experiência interior exige, precisamente, esse acontecimento que não pertence à possibilidade, o acontecimento da paixão pelo pensamento da negatividade onde o absoluto sob a forma da totalidade não é superado, mas essa experiência interior exige essa superação da unidade, da totalidade. Ele – o absoluto – seria uma forma de acabamento não acabado posto que essa experiência interior abre no ser acabado um ínfimo interstício onde tudo o que é deixa-se repentinamente transbordar e depor por um

2 Essa expressão pertence a Georges Bataille

acréscimo que escapa e excede ao absoluto. Excedente que lhe é totalmente estranho. Essa inquietação nos remete a dizer que a possibilidade não é única dimensão de nossa existência e que talvez nos é dado “viver” cada acontecimento de nós mesmo numa dupla relação: possibilidade-impossibilidade. É nessa relação que se começa a discernir o que ele – Blanchot – chama de experiência-limite.

4. BIBLIOGRAFIA

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita: a palavra plural, palavra de escrita*. VOL.I. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

———. *A conversa infinita: A experiência limite*. VOL.II. Trad. João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.

———. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

———. *L'espace littéraire*. France: Gallimard, 1978.

LEVY, Tatiana Salem. *A Experiência do Fora*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PELBART, Peter Pál. Excurso sobre o desastre. In: *Barthes/Blanchot: Um encontro possível?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.